

Ah! O tom das palavras. As vezes, por incrível que possa parecer (o comum é dizer-se que, por impulsivo, descontrolado -- é sincero), ele mente. Faz soar pensamentos como eles não são.

O “e é disto que eu não estou gostando” é, em primeiro lugar de contexto; há que se ver o universo de idéias que se contém não apenas na frase, cujo tom, por certo, era enganador. Não posso, sob pena de tentar escrever outro livro, quem sabe um opúsculo ou uma monografia, ir além nessa questão, a mais do que reafirmar que havia um contexto que me levou a um certo tom de voz! Por esse, me desculpo; quanto àquele continuo pronto para esclarecer melhor, mais ou de outra forma.

Agora, a questão de interpretação do que asseveras, porque não há ponto de interrogação ao fim, mas ponto e vírgula, passo a comentar:

Rej: - não estás reproduzindo um **fato histórico** ;

JL: - Acho que sim. Ainda que envolto na ficção. *E o Vento Levou, Ben-Hur, Guerra e Paz, Os Dez Mandamentos, Quo Vadis*, para ficar por aí não reproduzem cada um fato histórico? Ainda que contendo um universo ficcional que não esconde a Guerra Civil Americana; a opressão sobre os judeus na Palestina, e a passagem de Cristo na Terra, o lançamento da base do judaísmo por Moisés, e as loucuras de Nero, imperador de Roma. Aqui, em, digamos, *O príncipe*, está a opressão dos ingleses sobre os africanos, especialmente Ovonramwen, obá de Benim, entre 1888 e 1897, resultando em sua deposição.

Rej: - escreves um romance histórico, que se insere em um universo ficcional que estás criando;

JL: - Também.

Rej: - não discuto teu direito de autor e sim teu posicionamento de autor/narrador. **Ninguém** possui isenção suficiente para descrever, escrever, avaliar ou criticar, sem colocar nestes atos, sua alma, suas experiências, seus parâmetros, suas convicções;

JL: - Ah! Sim, quanto à primeira frase. Concorde, quanto à frase final.

Rej: - um universo ficcional para existir e ter valor, deve vir carregado de todos os tipos de emoções, aflições, que são inerentes ao ser humano, independente de cultura e contexto;

JL: - Como diria um de meus personagens, “*I’m doing my best, be sure!*”

Rej: - existem verdades introjetadas pela cultura e, as verdades que vêm da alma de quem lê e de quem escreve, que podem ser insubstituíveis e quase sempre irrefreáveis dependendo do caráter ou falta de caráter do indivíduo;

JL: - Aí temos o caso em que eu não entendi. Pode estar, o pensamento da assertiva acima, num contexto maior de teus pensamentos, de teu universo cognitivo, aos quais não tenho acesso na folha de papel eletrônico que recebi e estou comentando.

Rej: - num universo ficcional, verdades científicas possuem linhas tênues.

JL: - Se entendi direito (ou seja, na ficção há uma linha tênue que separa o fato histórico, a verdade científica, do que cria o autor), concordo.

Rej: - Minha sugestão:

Rej: - que eu daqui para adiante, apenas leia teus textos; (JL: - lamento, se é uma decisão tua).

Rej: - que ao final , te forneça **por escrito** uma avaliação; (JL: - face à posição da linha anterior, ficarei grato em receber **de qualquer forma** a avaliação.

Rej: - Acho extremamente produtivo que possamos divergir e ao longo da conversa encontremos, nem sempre, o mesmo ponto de vista, ou semelhanças, acordos...

JL: - Outro personagem fala por mim: “*Bien sure*” (Dessalines?).

Eu teria respondido esta carta seguramente de outra forma, se o fizesse ontem, antes ou depois do Frontal. Consultar o travesseiro é uma boa política. Deixar as coisas assentar.

Gostaria muito de continuar a contar com tua cooperação (já me ajudaste a melhorar, de alguma forma, o caráter de personagens nesta empreitada em que estou metido). Outras sugestões serão bem recebidas. Quem sabe se tentas, quando julgares necessário, questionar algo e deixas que meu processo de elaboração ache o seu caminho?

Guerra e Paz.

A paz:

Que achas do seguinte trecho? É o início do capítulo 3.

“ O obá retornou de seu retiro espiritual, onde cumpriu com os deveres para com o universo politeísta submarino; lançou e recolheu oferendas do Rio Sagrado. Estava pronto, portanto, entendia assim, para enfrentar as mazelas do mundo da superfície.

Aglomerava-se um grande número de personagens da mais alta hierarquia do reino, quando o obá adentrou ao imenso salão que escolheu para reunião, aquele mesmo que um dia almoçara num canto da desmesurada mesa com sua amada Agahowa. O todo poderoso que chegava, ainda outra vez sentiu a presença da mulher íbo e seu olor que se sobrepôs à fragrância de mata, essa o que todos os demais sentiam.

Como um palácio europeu, todavia em meio à mata tropical, grandes furos informes nas ramagens das árvores, davam passagem a fachos de luz, que pareciam holofotes a traspassar imensos vitrais, como que trabalhados naquele instante e mudados a cada segundo, conforme a suave brisa determinasse o movimento das mil ramagens, dos mil galhos, de mil folhas, de orquídeas mil; do cruzar desabusado de macacos; do esvoaçar das araras — e diferentemente do modelo original, forjado no fogo das oficinas de vidraceiros, tornado cristal multicolor, ali a natureza os construía e destruía-os a cada instante, refazendo tudo novamente e outra vez, num ciclo alternado e perpétuo, enquanto a luz insistisse em por ali passar.

Um raio de sol, usurpador da barreira natural, atingia naquele momento em cheio ao prefeito de Ughoton, que se exasperava em mudar de posição, sendo perseguido pela luz e seu calor. Ao lado de Obayemí, à sua direita, posição incômoda que se mantinha já fazia anos e cujo mal-estar somente aumentava, com o acúmulo dos anos, Adolô resmungou alguma coisa para o vizinho, reclamando da natureza.

Pois nesse ambiente, estavam além dos *uzamas* chefes das cidades de Benim e Ughoton, também o da pequena Sapele, mais ao sul de Ughoton. A ausência mais notada era do *uzama* de Udu, também pequena, mas estratégica pois num corredor comercial direcionado às terras do iorubo”.

Não sei quando vais ler este bilhete. Se for hoje, sábado, desejo um bom fim de semana.

José Luiz

26 de fevereiro de 2000